

MANICÔMIO: UM GRUPO DE TEATRO EM UMA ESCOLA PROFISSIONALIZANTE

Sou professora de teatro do campus Macaé do Instituto Federal Fluminense de Ciência e Tecnologia, desde 2011. Em 2013, estimulada por um aluno muito participativo e interessado que eu tinha, o Eduardo, criei um horário extra, na quarta à tarde, para reunir os alunos que tivessem vontade de aprender mais sobre o teatro e montar cenas e espetáculos. Este grupo de Teatro é um projeto paralelo, extraclasse, aberto a todos os alunos da escola. Obtivemos cerca de trinta inscrições para este projeto, o que consideramos um ótimo número para começarmos o trabalho.

Em nossos primeiros encontros de grupo, sugeri que nossa dinâmica de ensaios fosse a seguinte: a coexistência de dois trabalhos paralelos. Planejamos, criamos, ensaiamos e apresentamos no final do ano um espetáculo grande e complexo; e criamos pequenas intervenções e performances para serem apresentados durante todo o ano, periodicamente e permanentemente nos mais diversos espaços da escola (corredores, cantina, etc.). Esta estratégia foi pensada para que criássemos um ambiente cultural vivo e borbulhante na escola; para que uma possível greve (realidade da educação pública brasileira) não nos impedisse de nos apresentarmos, e também para que não deixássemos de viver a experiência de criar um espetáculo no seu sentido mais clássico, com texto, figurino, cenário e apresentação em teatros.

Já em fevereiro, na semana que antecedeu o carnaval, criamos um bloco carnavalesco, cujo tema (sugerido pelos alunos) foi o aumento dos produtos da cantina (nossa cantina é terceirizada), considerado abusivo por eles. O grupo criou duas músicas (paródias), levamos fantasias, criamos cartazes, e saímos por toda a escola cantando, dançando, tocando instrumentos de percussão e levando parte da plateia em nosso cordão. Nosso bloco se chamou “O bloco dos sem pãozinho”, pois neste período a escola estava em reforma e não podia oferecer o lanche (que chamamos de “pãozinho”) aos alunos.

Uma das músicas cantadas foi uma paródia da marchinha Cachaça não é água, não:

*Você pensa que suquinho é água,
Suquinho não é água não!
A água vem com muito cloro,
E o nosso pão sem requeijão!*

Quando o nosso cordão chegou ao fim, alguns alunos do grupo sentiram a necessidade de explicar ao público como e por que aquela intervenção foi criada. E esse foi o primeiro passo da nossa caminhada artístico cultural na escola. Muito ainda estava por vir.

O grupo de Teatro, que no meio do ano de 2013 já se chamava Manicômio (porque éramos vistos mesmo como os “loucos” da escola), fez mais uma intervenção interessante na escola, no pátio: foi um flash mob¹, que na época estava super na moda, e que consistiu em uma apresentação de dança da música Thriller do Michael Jackson, com os alunos vestidos de zumbis, e antecedida pela encenação de uma série de assassinatos bizarros, com direito a sangue falso e tudo, como podemos observar na figura 1. É claro que esta foi uma ideia dos alunos e causou grande movimentação curiosa na escola, com as pessoas ao redor, tentando compreender o que estava se passando.



Figura 1– Cena do Flash Mob, 2013. Acervo próprio.

A partir de julho, começamos a preparar a encenação de um espetáculo para comemorarmos os 20 anos do IFF Macaé. Neste período, contávamos com um bolsista de extensão, o Eduardo. A esta altura, havia 12 jovens no grupo e eles se dividiram para realizar entrevistas com os funcionários mais antigos da escola, colhendo depoimentos sobre fatos interessantes, curiosos e engraçados que eles testemunharam. Com as entrevistas em mãos, nós decidimos fazer um espetáculo musical, falando sobre a realidade dos alunos na escola,

¹ Segundo o Wikipedia, **Flash Mobs** são aglomerações instantâneas de pessoas em um local público para realizar determinada ação inusitada previamente combinada, estas se dispersando tão rapidamente quanto se reuniram.

sobre situações cotidianas e tentar inserir algumas das histórias contadas, além de diversas referências aos professores mais marcantes da escola. Conversamos muito, trocamos muitas ideias e o Eduardo, que tem facilidade e gosta de escrever, começou a redigir o texto.

A medida que a escrita do texto avançava, todos davam suas opiniões, sugeriam modificações e em cerca de dois meses estávamos com o texto completo nas mãos. Como havia um coral grande e bastante ativo na escola, achamos que seria enriquecedor incluirmos algumas músicas na peça. O Eduardo escreveu algumas paródias com músicas conhecidas (como “O show das poderosas”, de Anitta) e uma música inédita. Paralelamente aos ensaios, o professor de música fez a gravação das músicas com o coral e os atores e nós utilizamos as músicas com playback. Como o equipamento do professor era profissional, as músicas ficaram claras e com boa qualidade sonora, ultrapassando as nossas expectativas.

O texto era muito divertido, sobre uma família cujo pai havia se formado no IFF (que então se chamava UNED) no final dos anos 90 e suas duas filhas estudavam agora no Instituto, sendo que a mais velha era estudiosa e dedicada e a mais nova não conseguia se adaptar à escola. A família e as filhas passavam por diversas situações, onde eram inseridos vários fatos que realmente aconteceram na nossa escola. Fatos recentes, vividos pelo grupo, ou remotos, colhidos nas entrevistas. Também havia alguns personagens inspirados em professores marcantes da escola e uma cena de flash back, em que o pai se lembrava de seus tempos de estudante, em que frases marcantes ditas pelos professores e conhecidas pelos alunos eram faladas, como uma frase do professor de física que dizia: “A física se destaca pela sua facilidade”, o que é uma ironia, pois física é a matéria que mais reprova na escola.

Neste texto havia também críticas à escola, como podemos observar na cena abaixo, onde mais uma vez voltamos ao tema do pãozinho (merenda escolar):

PAI: Meninas, vamos fazer um lanche, vocês nem terminaram de jantar. Não se preocupem, a mãe de vocês está sendo cuidada pela doutora Rosa, vai ficar tudo bem.

LAURA: Tomara!

BIANCA: É, tem razão, vamos...

PAI: Hummm... Muito melhor que o Pãozinho da UNED hein, beem melhor.

BIANCA: Também se fosse pior, seria mais um motivo pra estar aqui nesse hospital né, dizem que se você comer mais de um pãozinho eles viram pedras no rim, é algo estupendo!

LAURA: Que isso gente, quando tem cachorro quente é uma delícia!

PAI: Mas só tem quando o reitor vem visitar a escola né? Haha

LAURA: Não. Tem toda semana, às vezes tem até mingau de aveia, iogurte...

PAI: E essa menina ainda reclama da escola, pãozinho comível é algo muito importante (Cena da peça Instituto Maravilha, de Eduardo Matos).

O texto também pede a volta do “piranhabol”, que era um jogo de futebol com todos os meninos vestidos de meninas e que era tradição no IFF, mas fora proibido naquele ano (2013), depois que alguns alunos abusaram de álcool e se envolveram em uma briga na edição passada. Esta cena foi ovacionada quando aconteceu na peça.

Sobre esta relação do público com a cena, Denis Guénoun afirma que:

Ora, o público dos teatros não é uma multidão. Nem um aglomerado de indivíduos isolados. Este público quer ter o sentimento, concreto, de sua existência coletiva. O público quer se ver, se reconhecer como grupo. Quer perceber suas próprias reações, as emoções que o percorrem, o contágio do riso, da aflição, da expectativa. É uma reunião voluntária, fundada sobre uma divisão. É, ao menos como esperança, como sonho, uma comunidade. (GUÉNOUN, 2003, p.21).

Como o público era formado majoritariamente por alunos do IFF, esse sentimento de comunidade era mais concreto do que relata Guénoun, mas acredito que também havia a necessidade de fazer esse reconhecimento como grupo, compartilhar as reações e emoções. André Luiz Porfiro, professor de Teatro que atua no ISERJ (Instituto Superior de Ensino do Estado do Rio de Janeiro), relatando uma montagem que fez com alunos de uma escola pública do Rio, fala algo semelhante ao que aconteceu com o espetáculo Instituto Maravilha no IFF Macaé, onde a separação entre os atores e o público era:

Somente formal, todos estavam juntos na apresentação do produto criativo. A cada cena, descobertas e lembranças confundiam-se e estabeleciam um espaço virtualizado, que não era nem realidade, nem um fenômeno artístico, era a vida da comunidade sendo mostrada. (PORFIRO, 2006, p.129)

Ensaíamos durante três meses. A princípio, os encontros se davam apenas as quartas à tarde, que ainda hoje é o único período da escola em que nenhuma turma tem aula e que fica reservado para as reuniões de professores e todas as atividades extracurriculares. Como é só uma tarde na semana, acontece com bastante frequência dos professores marcarem reposição de aula para este dia, além de todos os eventos (palestras, cursos, apresentações) acontecerem nestas tardes. Isso dificulta bastante o trabalho com o grupo de teatro, pois há muitas faltas dos alunos pelos motivos descritos anteriormente. Este problema já foi levado à Direção de Ensino e à Coordenação, mas por enquanto não foi encontrada nenhuma solução para o caso. E mais uma vez esbarramos na falta de espaço e de tempo para nossas experiências. Domenico de Masi afirma que:

As condições ideais para o trabalho intelectual criativo na minha opinião, são ainda aquelas descritas por Platão em O Banquete: comodidade, um grupo de amigos criativos, paixão pela beleza e pela verdade, liderança carismática, tempo à disposição, sem a angústia de prazos ou vencimentos improrrogáveis. (DE MASI, 2000, p.156).

Na nossa escola, definitivamente não temos tais condições ideais. Aliás, estas são condições bastante raras em nosso tempo e nossa sociedade, onde “time is money” e estamos sempre correndo, embora nem sempre saibamos o motivo de tanta correria.

Com tudo isso, demos continuidade ao trabalho e a um mês da estreia, conseguimos montar uma escala de ensaios mais frequentes, em três dias da semana, separando os grupos por cenas. Desta maneira o trabalho foi bem mais produtivo e conseguimos avançar bastante, principalmente na questão da memorização do texto, que era bem extenso. A convivência do grupo era bastante harmônica e agradável.

O grupo a esta altura já adquiria certa autonomia e o Eduardo, que além de escrever o texto, também era bolsista do projeto, se encarregava da coordenação dos ensaios e fez boa parte do trabalho de direção, que é uma coisa que prefiro não fazer. Talvez por nunca ter me interessado por dirigir e sim por atuar, ou por não ter tido nenhuma formação consistente neste sentido, ou ainda, e muito provavelmente

por tudo isso junto, por acreditar que o grupo deve ter autonomia e caminhar com o máximo de independência possível, descobrindo os seus modos e processos criativos e trabalhando cooperativamente.

Eu participava dos ensaios das quartas, nos quais o grupo todo estava presente, e auxiliava em detalhes técnicos, como marcação de cena, volume de voz e coreografias. Mas a construção dos personagens e as cenas em si foram construídas pelo grupo com a direção do Eduardo. Na figura 2 podemos ver o cartaz da peça, produzido pelo Alberto, responsável pela produção gráfica da escola.



Figura 2– Reprodução do cartaz de “Instituto Maravilha”, 2013. Acervo próprio.

O fato é que o grupo, a cada dia que passava, a cada novo projeto, amadurecia e ganhava independência. Pois, ainda que seus membros variassem a cada ano letivo, havia sempre alguns que ficavam por pelo menos dois anos seguidos, e acabavam “contaminando” o grupo com a maturidade adquirida. Charles Combs, especialista em teatro norte americano, fala sobre esta autonomia que buscamos dar aos alunos, quando discorre sobre os objetivos do professor de teatro :

Nós queremos que o estudante aprenda, transforme-se e busque desenvolver-se; nós ensinamos, agimos, encenamos, criamos performances cotidianamente e interferimos mediando ações dentro das escolas, em contextos formais ou informais; usamos métodos de ensino, formas artísticas e valores culturais no nosso trabalho; trabalhamos como artistas, professores e mediadores – nós desejamos que o estudante ou pessoa continue a aprender e a desenvolver-se através da vida, sem a nossa intervenção. (COMBS, C. E., 1997, p.10 apud SANTANA, Arão. 2009. p.31)

A produção da peça foi feita por mim utilizando poucos recursos. Conseguimos um pequeno patrocínio da cooperativa de funcionários

da escola (Sicoob) e com isso compramos o material necessário para construirmos (a equipe de manutenção da escola construiu) 12 cubos, que se transformavam em tudo o que precisávamos em cena (cama de hospital, mesa de jantar, banco, cadeira de sala de aula, etc). Estes cubos atualmente são usados nas aulas regulares de teatro, servindo às cenas e improvisações, além de terem servido de cenário para a peça seguinte que montamos. Com o patrocínio, compramos ainda alguns acessórios, como óculos e perucas. O figurino era bem simples e os próprios alunos trouxeram de casa e emprestaram uns para os outros. Mas essa “simplicidade” dos recursos não significa muito, ou nada, em relação à riqueza do processo criativo ou mesmo do resultado deste. Pois, como afirma Peter Brook,

Se o hábito nos leva a crer que o teatro tem por base um palco, cenário, luz, música, poltronas... partimos do princípio errado. Para fazer filmes não podemos prescindir de uma câmera (...), mas para fazer teatro somente uma coisa é necessária: o elemento humano. Isso não significa que o resto não tenha importância, mas não é o principal. (BROOK, 1999, p.12)

Na figura 3, temos uma das cenas do espetáculo.



Figura 3 – Cena de Instituto Maravilha, 2013. Acervo próprio.

Nossa escola possui um auditório, não um teatro. Não temos recursos de luz e a acústica é ruim. Quando a plateia está cheia os atores precisam gritar e ainda assim não são ouvidos plenamente. Mas isso foi uma coisa que só descobrimos no dia da apresentação, em 05 de dezembro de 2013. Tínhamos uma plateia incrível, praticamente lotada e muito envolvida e receptiva. A apresentação correu tranquilamente, sem grandes erros e com os atores bastante à vontade. A plateia foi ao delírio em várias cenas, aplaudindo calorosamente em vários momentos, gargalhando muito também. Sobre a relação da plateia com uma obra de arte, John Dewey afirma que:

Para perceber, o espectador ou observador tem que criar sua experiência. (...) O artista escolheu, simplificou, esclareceu, abreviou e condensou a obra de acordo com seu interesse. Aquele que olha deve passar por essas operações, de acordo com seu ponto de vista e seu interesse. Em ambos, ocorre um ato de abstração, isto é, de extração daquilo que é significativo. (...) Quem é por demais preguiçoso, inativo ou embotado por convenções para executar este trabalho, não vê nem ouve. (DEWEY, 2010, p.128)

Como tratávamos de um tema comum àquela comunidade, falávamos sobre o cotidiano deles, era uma plateia calorosa e receptiva, mas com reações barulhentas e com aquela acústica, boa parte do texto se perdeu e não foi ouvida. Mais tarde ouvi este relato de vários colegas que foram assistir, e isso me incomodou, pois o texto todo era relevante e precisava ser ouvido. Detectamos esta falha e tentamos solucioná-la no espetáculo seguinte, do qual falarei mais adiante.

Nós aprendemos muito com esta primeira experiência de montagem de espetáculo. John Dewey afirma que aprender da experiência:

é fazer uma retrospectiva e uma prospectiva entre aquilo que fazemos às coisas e aquilo que em consequência essas coisas nos fazem gozar ou sofrer. Em tais condições, a ação torna-se uma tentativa: experimenta-se o mundo para se saber como ele é; o que se sofrer em consequência torna-se instrução – isto é, a descoberta da relação entre as coisas.(DEWEY, 1959, p.153)

Considero importante registrar que o nosso grupo sempre recebeu o apoio da direção da escola para o que precisamos e eles assistem e participam de todas as atividades que promovemos. Sei que nem sempre é assim, mas tenho sorte de trabalhar com pessoas de mente aberta e sensíveis para as questões da Arte. Os únicos obstáculos que encontrei foram alguns colegas de trabalho que criticaram ou mesmo denunciaram o grupo à direção por “baderna” ou coisas do tipo, mas a direção conhece e confia no nosso trabalho e sabe que somos sérios e responsáveis, apesar de barulhentos.

Após este espetáculo, o grupo fez pequenas participações em eventos da escola, como na festa de Natal, em que fizeram um esquete, também com texto do grupo, que falava sobre as idiossincrasias dos encontros familiares nesta época do ano. O grupo também fez várias cenas de improviso, inspiradas nos jogos que a Cia. Barbixas de Humor² faz, para recepcionar os calouros de 2015. Eles ficaram bastante à vontade nas cenas, que foram realmente improvisadas e

² A Cia. Barbixas de Humor é um grupo humorístico formado por Daniel Nascimento, Anderson Bizzocchi e Elidio Sanna, criado em 2004. O grupo ficou conhecido pelo seu espetáculo de improvisação "Improvável", que virou web série no Youtube desde 2008 e em cartaz nos teatros desde 2007

sugeridas pela plateia.

Desde que o grupo foi criado, mantemos uma média de 10 participantes fixos, mais os flutuantes, que são aqueles que aparecem para um projeto específico, como aconteceu no flash mob, por exemplo, e logo depois saem.

O projeto seguinte do grupo Manicômio foi o espetáculo “Confissões de Adolescentes”, baseado na peça homônima da Maria Mariana. Dessa vez, eu propus o texto por ele ter marcado época na minha adolescência. Lemos o texto no grupo e todos compraram imediatamente a ideia. Porém, ao comentar com uma colega de trabalho em quem confio bastante, pois a considero ponderada e experiente, além de sensível e aberta, ela me disse que considerava o texto muito datado e que as questões dele estavam em desacordo com os jovens de hoje. Isso me colocou em dúvida e foi então que tive uma ideia que acabou sendo muito importante para a nova montagem: pensei que não haveria ninguém melhor para dizer se aquelas questões eram ultrapassadas ou não do que os próprios jovens. E eu tinha a possibilidade de perguntar a cerca de 180 jovens (número de alunos que tinha) a sua opinião.

Desta feita, todas as turmas fizeram a leitura completa do texto em aula, pois ele é bem curto. Após a leitura nós conversamos sobre os temas e todas as turmas foram unânimes quanto à atualidade do texto. Mas, ao voltar a conversar com a colega, ela ainda insistia que aqueles textos não eram interessantes e me disse uma coisa que deu uma virada na situação: “Se pelo menos fossem confissões dos nossos alunos, aí seria muito melhor!”. Claro! Como não pensei nisso antes? Retornei às turmas na semana seguinte com a proposta de que todos escrevessem, anonimamente, alguma confissão importante, algo que os marcou, de qualquer natureza. Avisei que meu intuito era recolher material para o espetáculo, mas que eu avisaria antes que confissões seriam utilizadas para que o seu autor tivesse chance de aprovar ou negar (ainda de maneira anônima) o seu uso.

Feito isso, levei mais de 150 confissões preciosas para ler em casa durante o final de semana e fiquei muito impressionada com as coisas que li. Algumas por seu conteúdo mesmo, como a sexualidade, com

jovens de 16 anos vivendo situações que eu, com 36, nunca pensei em viver. Outras confissões eram mais leves, engraçadas. Algumas estavam estruturadas, organizadas e já prontas para a cena. Selecionei cerca de 30 destas confissões e no encontro seguinte com o Manicômio, ainda fiz mais uma proposta: que antes de ler as confissões selecionadas, eles mesmos escrevessem as suas confissões. Assim foi feito e no fim, creio que tínhamos uma boa amostra das situações e dos temas dos jovens da atualidade.

Após a leitura em grupo de todos os textos, selecionamos os preferidos e os atores ainda sugeriram manter dois dos textos originais da Maria Mariana com os quais eles tiveram uma grande identificação e eu concordei: “A primeira vez que fumei maconha” e “Bolhas de sabão”. Todo este processo de definição do texto durou cerca de 3 semanas e depois disso iniciamos os ensaios, que duraram cerca de dois meses. Desta vez, desde o início montamos uma escala de ensaios, onde os grupos ensaiavam separadamente as suas cenas (a maior parte monólogos) e a quarta continuou sendo o dia de ensaio coletivo.

Uma coisa que eu costumo fazer (e fiz também no espetáculo anterior do grupo) é dar o texto pronto para que alguns colegas e a direção leiam e se posicionem quanto ao conteúdo e a temática da peça. Faço isso para ouvir a opinião de outras pessoas e também para evitar problemas. A direção disse que gostou muito do texto e não tinha nada a acrescentar. Uma das minhas colegas não achava adequado colocarmos o texto da maconha pois, para ela, parecia apologia à droga. Com esta opinião, decidi consultar outras pessoas, como alguns alunos e por fim o psicólogo da escola, que é uma pessoa acessível e que tem experiência com teatro. Ele, assim como os alunos, alegou que falar sobre o assunto não significa fazer apologia e que não achava de jeito nenhum inadequado falar sobre maconha, mesmo estando dentro de uma escola. Pelo sim e pelo não, decidi escrever um pequeno texto no programa do espetáculo, para deixar claro que aquelas eram confissões pessoais e não era uma recomendação oficial da escola para que os jovens agissem desta ou daquela maneira. Acho que este é um cuidado importante que devemos ter ao trabalhar com

teatro na escola. E agradeço à colega que me alertou para o assunto. Na figura 4, temos o programa da peça, onde é possível ler o texto que escrevi:

Confissões de Adolescente

APRESENTAÇÃO

Este espetáculo é fruto do trabalho do grupo Manicômio, que é formado por alunos do ensino médio integrado do IFF Maceá.

Este é o segundo grande espetáculo do Manicômio. O primeiro foi "Instituto Maravilha", apresentado em dezembro de 2013 no nosso campus.

O grupo existe na escola desde o início de 2013 e tem o objetivo de aprofundar os conhecimentos dos interessados na arte teatral.

O Teatro na escola, além de propiciar o acesso à cultura e o gosto pela arte, pode contribuir na formação do aluno de maneira humanizada, apoiando no aperfeiçoamento de diversos campos do saber, por exemplo: interpretação, leitura, expressão, socialização, criticidade, imaginação, criatividade, entre outros.

O Teatro é um lugar onde trabalhamos com liberdade de expressão e discutimos coletivamente os temas que são de interesse do grupo.

O espetáculo que apresentamos este ano traz questões que fazem parte da vida dos adolescentes e, por isso, resolvemos manter a linguagem coloquial e alguns palavrões (que normalmente não fazem parte do nosso repertório na escola), para garantir a verossimilhança dos textos.

Gostaríamos de dizer ainda, que estes textos não representam nenhuma opinião da nossa escola sobre os temas. São apenas "Confissões de Adolescentes"... E cabe a cada um de vocês, fazer as suas reflexões e escolhas.

Um bom espetáculo para todos!

Clarice, coordenadora do Grupo Manicômio.

AGRADECIMENTOS:

Agradecemos à Professora Rita Brisson, pela leitura cuidadosa da peça e pelas preciosas colaborações.

Agradecemos ao Psicólogo Marcelo, por nos ouvir e orientar quando precisamos.

Agradecemos ao Alberto pela arte e pelo carinho.

Agradecemos à Juliana Marinho, pelas fotos, divulgação e paciência.

Agradecemos aos queridos bolsistas do Audiovisual e ao Thiago, pela eterna paciência e pela colaboração nos ensaios e na apresentação.

Ao Paulo Salvador, parceiro incansável de todos os nossos projetos.

Agradecemos aos diretores de ensino Ana Paula, José Luis e ao nosso diretor Paulo Rogério, por nos darem liberdade para trabalharmos e por confiarem em nosso trabalho.

Agradecemos a toda a comunidade escolar que nos prestigia e incentiva.

Muito obrigadxs a todxs!!!

FICHA TÉCNICA:

Texto: Maria Mariana e criação coletiva
Coordenação: Professora Clarice

Cenas e atores:

- 1) Mi fu: Vitor Espindola
- 2) #tesão: Andressa Dantas
- 3) Meu primeiro beijo lésbico: Anna Eduarda
- 4) Mudanças: Daniel Fernandes
- 5) A primeira vez que fumei maconha: Fabiano Ferreira
- 6) O primeiro e último furto: Daniel Costa
- 7) Vestibular: Andrezza Carvalho e Fernanda Santana
- 8) Menstruação: Andressa Dantas
- 9) Meu primeiro namorado: Ana Carolina
- 10) A fuga: William Lopes
- 11) A anjinha e a diabinha dentro de mim: Camila Garrido, Ana Carolina, Andressa Dantas, Daniel Costa
- 12) Bolhas de sabão: Fernanda Santana, William Lopes, Daniel Costa, Camila Garrido.

Músicas (na ordem em que aparecem):

Happy – Pharrell Williams
Já sei namorar – Triblistas
Freak boom boom – Gretchen
Beija eu – Marisa Monte
Metamorfose ambulante – Raul Seixas
I wanna love you – Bob Marley
Triilha do filme Missão Impossível
Enem – Manu Gavassi
Cor de rosa choque – Rita Lee
Eu esqueci você – Clarice Falcã
Serão extra – Dr. Silvana e cia.
Dias de luta, dias de glória – Charlie Brown Junior

ALERTA:

Esta é uma obra de ficção e qualquer semelhança com a vida real, é mera coincidência.
ATENÇÃO: não tente fazer em casa as coisas que nós fazemos aqui!



Figura 4 – Reprodução do programa da peça Confissões de Adolescentes, 2015.

Acervo próprio.

A esta altura o grupo já havia sofrido diversas modificações e contava com uma nova bolsista, pois o Eduardo saiu da escola. Para este novo espetáculo contamos com 11 atores que exercitaram a criação e a direção coletivas. Eu novamente fiquei apenas orientando tecnicamente, acompanhando os ensaios coletivos. O espetáculo consistia em 12 esquetes independentes, que falavam sobre namoro, drogas, sexo, relacionamento com os pais, levadices infantis, dilemas da juventude, entre outras coisas. Para darmos certa unidade à peça,

decidimos, após várias discussões do grupo, que no início todos os atores entrariam no palco, chegando em uma festinha entre amigos e um deles sugeriria o “jogo da verdade”, onde gira-se uma garrafa e para quem ela apontar, a pessoa deveria contar alguma história inédita e bastante interessante. A partir daí, o grupo se retirava e ficavam no palco apenas os participantes da cena. Para a transição entre as cenas, combinamos que haveria uma música que tivesse a ver com a cena que acabou e que o ator que saísse entregaria a garrafa para o que estava entrando, dando uma ideia de continuidade. As músicas também foram escolhidas pelo grupo. Ao final do espetáculo, todos os atores retornavam ao palco, finalizavam o jogo e iam embora da festa. Esta estrutura ajudou a costurar as cenas e a dar sentido à peça.

Quanto à produção, utilizamos como cenário os mesmos cubos do espetáculo anterior e os figurinos foram roupas que os atores trouxeram de casa. Mais uma vez pedimos o patrocínio da Sicoob, desta vez para o aluguel de 4 microfones auriculares (este era o número máximo de atores em cena), e os atores alternavam o seu uso, realizando as trocas nos bastidores. Com isso, resolvemos definitivamente o problema da acústica ruim do nosso auditório. Os microfones foram colocados num volume bem baixo, de maneira que a voz ficasse o mais natural possível e funcionou perfeitamente. Desta vez o espetáculo foi ouvido na íntegra.

Além disso, desde que o grupo surgiu, temos o apoio do setor de comunicação da escola, que nos ajuda na divulgação e organização dos eventos e principalmente faz todo o material gráfico para nós: os cartazes, programas, divulgação no portal do IFF e no facebook. Este setor é muito eficiente e somos muito gratos a eles. Na figura 5, temos mais uma cartaz bem bacana que eles fizeram para nós. Desta vez, para o espetáculo Confissões de Adolescentes.



Figura 5 – Cartaz da peça Confissões de Adolescentes, 2015. Acervo próprio.

A apresentação ocorreu no dia 08 de abril de 2015, numa quarta feira à tarde. Mais uma vez o auditório estava cheio e contamos com a presença de muitos alunos e alguns professores, que costumam ser os mesmos a participar de todos os eventos culturais (a maioria da área de linguagens, mais alguns poucos das áreas de exatas). O espetáculo correu tranquilamente, sem grandes erros e a plateia desta vez fez menos intervenções com palmas e risos (como havia sido na apresentação de Instituto Maravilha), talvez até mesmo pelo caráter mais intimista da peça, um pouco mais séria também.

O interessante foi que, ao terminar a peça, um grupo de alunos voluntariamente subiu ao palco e se juntou ao grupo de teatro para brincar de “jogo da verdade”, retomando a garrafa usada nas cenas e contando suas experiências marcantes uns aos outros. Esta atividade durou pouco mais de uma hora, após o término da peça. Isso mostra que o espetáculo despertou algo nesta plateia e eles sentiram a necessidade de dar continuidade ao que se passou, desdobrando o tema. Guénoun afirma que:

É isso a ideia (política) do teatro: congregar a cidade, publicamente unida na mobilização de seu desejo de comunidade, para convidá-la a tomar assento no lugar da assembleia política, para abrir o político para fora de si mesmo. Para fazer, portanto, um pouco de metafísica, não há dúvida. Mas não na produção obrigatória das palavras e do discurso metafísico: no olhar sobre signos visíveis que exibem uma palavra soterrada, um livro ausente, para expô-lo à vista como um jogo sensível dos textos e dos corpos. (GUÉNOUN, 2003, p.70)

Esta reação da plateia foi algo radical, algo que não vemos sempre após apresentações teatrais, mas ao meu ver, reflete com clareza a ideia de Guénoun, indo ainda um pouco além. Pois ali mesmo, no

palco, a comunidade esteve em assembleia, reafirmando, refletindo e debatendo sobre o “livro ausente” que fora exposto pelos atores.

Ainda sobre esta postura ativa do espectador, Desgranges, citando Rancière, afirma que:

Ser espectador não é uma condição passiva que se deve transformar em atividade, é a nossa situação normal (RANCIÈRE, 2010, p.23); a de quem age, conhece, questiona, investiga e relaciona a todo instante o que estamos vendo com aquilo que vimos, dissemos, fizemos e sonhamos. (DESGRANGES, 2011, p.67)

Com este trabalho de montagem de espetáculos que o grupo Manicômio realiza, temos a possibilidade de aperfeiçoamento e aprofundamento da técnica teatral para aquelas pessoas que são despertadas pelas aulas, ou que já chegam à escola com este interesse, pois observamos as duas situações. Além disso, estamos lidando também com um processo de formação de plateia, atraindo para o teatro pessoas que, se não fossem assistir aos amigos ou nesta situação específica escolar, talvez nunca tivessem acesso a esta arte, pois moramos em uma região bastante carente de eventos culturais e artísticos. Flávio Desgranges afirma que:

Ir ao teatro ou gostar de teatro, também se aprende. E ninguém gosta de algo sem conhecê-lo. De que maneira se pode considerar relevante, e até mesmo imprescindível, aquilo que não conhecemos em todas as suas possibilidades? (...)
O gosto por uma cultura artística, contudo, se constrói desde a infância. Aproximar crianças e adolescentes das atividades teatrais, é de fundamental importância, se quisermos pensar em formar espectadores. (DESGRANGES, 2003, p.33)

É importante lembrar que grande parte da plateia dos espetáculos apresentados pelo grupo Manicômio, já possui noção da linguagem teatral pois, trabalhando desde 2011 no campus Macaé, tive a oportunidade de dar aula de teatro para todas as turmas de todos os cursos, do segundo ao quarto ano em 2016, lá se encontravam. Assistir aos espetáculos seria, então, também uma espécie de complementação ao trabalho desenvolvido em sala de aula. Isabel Marques e Fábio Brazil afirmam que:

O acesso à arte por meio da escola formal é o início de um caminho para sistematizar, ampliar e construir conhecimento nas diferentes linguagens artísticas que nos possibilitam interagir no mundo de forma diferenciada. É o mesmo tipo de direito que garante o acesso à Matemática, à Língua e às Ciências. Arte é conhecimento, cujo direito é universal, arte é um conjunto de saberes que são imprescindíveis para que o cidadão possa entender, experimentar e atuar no mundo. (BRAZIL e MARQUES, 2012, p.26 e 27)

O trabalho do grupo está avançando e amadurecendo, mas há um ponto que ainda é problemático e que precisamos melhorar já para a apresentação do próximo espetáculo: é o fato de fazermos apenas uma única apresentação de cada trabalho artístico do grupo, o que impede o aperfeiçoamento e profundamento daquele trabalho específico, além de não dar oportunidade ao grupo de perceber as modificações que surgem a partir do contato com o público. Como falam Fábio Brazil e Isabel Marques, deste modo: “(...) o produto acaba sendo experimentado e vivido pelos estudantes como algo realmente fechado e hermético, a primeira é a última chance de se realizar o trabalho em sua completude, partilhado com a comunidade escolar”. (BRAZIL e MARQUES, 2012, p.97). Isso é mesmo uma pena. No nosso próximo espetáculo, pretendo fazer ao menos três apresentações do mesmo, para que o grupo possa experimentar o processo de “recriação” da peça que se dá a partir da repetição da mesma em contato com a plateia.

Ainda assim, é possível perceber que fazer parte deste grupo de teatro, é bastante importante para estes jovens. Como podemos ver no depoimento do Eduardo, o membro fundador do Manicômio, que hoje está na UFRJ:

“O que eu mais gostei foi da liberdade que todos nós integrantes tínhamos de criar, modificar e desconstruir. Era um grupo realmente comprometido, de pessoas do mais diversos níveis de atuação, alguns ali queriam ajuda para deixar de serem tímidos, mas que igualmente colaboravam para com as produções dando o melhor de si. (...) Uma oportunidade de conhecer e estudar teatro num ambiente despojado e descontraído, onde nós mesmos traçávamos nossas metas e o ritmo de trabalho, o que não era problema pois estávamos sempre empolgados com os ensaios. (...) Sem dúvidas o Manicômio foi um marco que modificou a rotina do IFF e comunidade, que se envolveram e não deixaram de prestigiar e participar desde as intervenções mais simples e conceituais até as peças mais longas e elaboradas. Foi um veículo de cultura, informação, crítica e protesto quando não havia mais voz para os estudantes, um grito para um olhar mais humano num ambiente onde muitas vezes as pessoas se tornavam números. Foram alguns anos de crescimento pessoal e promoção da arte pelos quais não me esqueço, e guardo com saudade e orgulho na memória.” (Eduardo, 2015)

BIBLIOGRAFIA

- BRAZIL, Fábio e MARQUES, Isabel. *Arte em questões*. São Paulo: Digitexto, 2012.
- BROOK, Peter. *A porta aberta*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira,

1999.

DESGRANGES, Flávio. *A pedagogia do espectador*. São Paulo: Editora Huicitec, 2003.

DESGRANGES, Flávio. *O efeito estético: a finalidade sem fim*. In: Urdimento, nº17, setembro de 2011.

DEWEY, John. *Arte como experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DEWEY, John. *Democracia e educação*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959.

GUÉNOUN, Denis. *A exibição das palavras: uma ideia (política) do teatro*. Trad. Fátima Saadi. Rio de Janeiro: Teatro do Pequeno Gesto, 2003.

PORFIRO, André Luiz. *A Alfabetização cênica – Um percurso metodológico no ensino do teatro*. In: Entre coxias e recreios: recortes da produção carioca sobre o ensino do teatro. Organizador Renan Tavares. São Caetano do Sul: Yendis Editora, 2006.

SANTANA, Arão Paranaguá. *Metodologias Contemporâneas do Ensino de Teatro : Em foco, a Sala de Aula*. In: TELLES, Narciso e FLORENTINO, Adilson. (orgs.) Cartografias do ensino do Teatro. Uberlândia: EDUFU, 2009,